

# Brasília e seu novo problema: o uso do solo.

A cidade mais planejada do Brasil está cheia de áreas ocupadas irregularmente



As cidades-satélites: a pobreza e a desorganização que...



... não estavam previstas para Brasília.

O governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira, fala em entrevista exclusiva ao *Jornal da Tarde* sobre os 26 anos de Brasília, "um canteiro de problemas que precisam ser resolvidos".

**Pergunta:** Quais os principais desafios que o governador tem a enfrentar?

**Resposta:** - Meu governo não escolheu seus desafios, nem planejou sua atuação em função de interesses ou vaidades pessoais. Hoje, não se trata de plantar uma cidade nova onde era apenas deserto e solidão, como nos idos de 1957. Trata-se, isto sim, de dar melhores condições de vida a uma população de mais de um milhão e seiscentos mil habitantes que não estava prevista no plano inicial da cidade. Erro de seus planejadores? De modo nenhum. O Congresso Nacional autorizou a construção de uma cidade para abrigar uma população de 500 mil habitantes. Foi em cima do que determinava a lei que operaram os planejadores de Brasília. Essa explosão demográfica provocou, ao longo dos últimos 26 anos, distorções de toda espécie, a começar pela esclerose da infra-estrutura de hospitais, escolas, habitação, lazer, transportes, policiamento, abastecimento etc.

P - Quatro quintos desses 26 anos foram anos de ditadura. O autoritarismo fez mal a Brasília?

R - Ninguém deveria esperar que, após 21 anos de regime autoritário, de decisões inapeláveis baixadas de cima para baixo, o novo governador do Distrito Federal viesse para dizer amém a todas as distorções sofridas por Brasília ao longo de sua implantação e de sua história como cidade. Achei que, antes de qualquer coisa, era preciso fazer um balanço geral da cidade, tanto em função de seu projeto original como em função da realidade que aqui se implantou.

P - E esse balanço geral foi feito?

R - Pedi a ajuda de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Burle Marx. Tratava-se de colocar os artistas-construtores, que fizeram de Brasília um símbolo do urbanismo e da arquitetura deste século, diante da nova realidade criada pela pressão do desenvolvimento autônomo (em relação ao projeto inicial) do Distrito Federal. O essencial do plano-piloto de Lúcio Costa vingou, mas é certo que o Distrito Federal se transformou, nestes anos, num canteiro de problemas que precisam ser resolvidos para garantir um desenvolvimento ordenado da população. Não se concebe que o plano-piloto mantenha, com as cidades-satélites, uma relação de casa-grande e senzalas. É preciso levar conforto, lazer e desenvolvimento às populações das satélites. Será criminoso que, depois de se transformar em ponto de irradiação de progresso para todo o País, Brasília mantenha a exibição de miséria e abandono das populações, das muitas "invasões" e da maioria de suas satélites.

Obras e atitudes polêmicas por parte do governo devem ser olhadas não em função do temperamento do governador, mas em função das profundas exigências do plano original da cidade, no caso do plano piloto, e da realidade cruel em que vivem as populações das cidades-satélites.

P - Mas todos esses problemas não foram gerados com o ritmo e os métodos da construção de Brasília?

R - Não é verdade. Nenhuma cidade do mundo foi precedida de tantos estudos quanto esta. Seria no mínimo desejável que, periodicamente, os responsáveis pelo seu destino — a começar, os seus habitantes —

## A Capital, para seu governador: "Um canteiro de problemas".

José Aparecido de Oliveira a Luís Fernando Mercante.

continuassem a seguir o exemplo das sucessivas gerações que, a partir da missão Cruls, transformaram a criação desta cidade em objeto de planejamento e avaliações rigorosas.

As propostas iniciais de Brasília não se esgotaram na sua construção. Ela terá que se equipar, cada vez mais, para manter a qualidade de vida dos que nela residem e continuar como plataforma de lançamento permanente de novas idéias e novas emoções. É este o horizonte da cidade que o meu governo contempla.

O nosso lema está na linha de Brecht: "repensar para reequipar — reequipar para prosseguir".

P - Por lei, os planos deveriam estabelecer as bases de uma cidade de meio milhão de habitantes?

R - A Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital, presidida pelo general Poli Coelho, entregou seu relatório final ao presidente da República no dia 22 de julho de 1948. Essa comissão havia não apenas confirmado, como aprofundado, os estudos da missão Cruls. No mês seguinte, a 21 de agosto, o presidente Eurico Gaspar Dutra encaminhou o relatório ao Congresso Nacional, enfatizando: "É certo, porém, que a mudança da capital da República não poderá ser objeto de discussão, em face do imperativo constitucional". Apesar de que o Congresso levou cinco anos digerindo o relatório Poli Coelho: somente a 5 de janeiro de 1953 foi sancionada a Lei nº 1.803, autorizando "a proceder aos estudos definitivos para a escolha do sítio da nova capital, que deverão ficar concluídos dentro de três anos". No mesmo texto de Lei o Congresso estabelece que "os estudos serão feitos na base de uma cidade para 500 mil habitantes".

P - os erros teriam sido fruto de pura precipitação?

R - Sob a presidência do general Caiado de Castro (governo Vargas), a comissão de estudos tomou duas providências fundamentais: 1) contratou o levantamento aerofotogramétrico de toda a área definida pela missão Poli Coelho e ratificada pelo Congresso (onde a expressão "retângulo do Congresso"):

2) encomendou à firma Donald J. Belcher and Associates Incorporated a interpretação científica do levantamento aerofotogramétrico da região. Considerando o acervo de dados coletados pela missão Cruls, pela missão Poli Coelho, pelo levantamento fotográfico aéreo e pelos estudos de Belcher, temos que nenhuma outra cidade, no mundo, foi precedida de tão criteriosos estudos de topografia, natureza de solos, geografia, potencial de abastecimento de água, etc. Belcher disse, no seu relatório: "O Brasil deve ser louvado pelo fato de ser a primeira nação da História a basear a seleção do sítio de sua capital em fatores econômicos e científicos, bem como nas condições de clima e beleza". Belcher, como se sabe, identificou cinco sítios como adequados à construção da cidade e advertiu para a existência, fora desses sítios, de áreas sujeitas à erosão — coisa que os administradores anteriores não levaram em conta na liberação dos terrenos da Ceilândia para a edificação daquela cidade-satélite.

P - O uso do solo do Distrito Federal foi atropelado?

R - No dia 11 de setembro de 1956, uma comissão de juristas — de que participava, entre outros, o desembargador Seabra Fagundes — entregou seu relatório com a definição da política territorial a ser adotada em Brasília. A comissão sugeriu a adoção da **enfiteuse com foro móvel**, ou seja, o arrendamento das terras compreendidas no Distrito Federal. Esse regime foi adotado, em parte, e com ótimos resultados, na área rural efetivamente controlada pela Fundação Zoobotânica, através de contratos de arrendamento. Desde o início, contudo, a pressão política sobre o excessivo gasto público representado pela construção de Brasília, fez com que o governo alienasse, para particulares, as áreas do perímetro urbano, o que provocou distorções até hoje lamentadas por Oscar Niemeyer e por Lúcio Costa. O plano inicial de Lúcio Costa estabelece, com clareza meridiana, que nenhuma propriedade particular poderia estender-se até a beira do Lago, com exceção para os clubes e as áreas destinadas ao lazer coletivo. Mais grave distorção ocorreu na área das superquadras habitacionais, onde o plano previa a construção de blocos diferenciados, a fim de serem abrigadas famílias com três faixas de renda. A especulação imobiliária levantou prédios uniformes, como se Brasília tivesse eliminado as diferenças entre classes sociais. Dentro dessa perspectiva, também os loteamentos na área rural são abusivos, quer do ponto de vista da inspiração inicial da cidade, quer do ponto de vista dos instrumentos legais existentes.

As superquadras foram planejadas para ter escola primária e núcleos de ensino médio. A não-observação dessa indicação, vale dizer, a deficiente oferta de ensino público de primeiro e de segundo graus, fez com que se concentrassem nas vias 700 e 900 as grandes unidades de ensino médio do plano piloto. Isto não seria um mal, se as admini-

nistrações anteriores tivessem assumido a responsabilidade de atualizar o plano viário para essa inesperada concentração populacional estudantil. O que se vê, agora, é um enorme desconforto para os que se ocupam nessa zona da cidade.

P - Os planejadores que não contaram com a força da propaganda e da miséria e foram surpreendidos pelas cidades-satélites muito antes do que podiam imaginar?

R - As cidades-satélites seriam construídas depois que Brasília atingisse os previstos 500 mil habitantes. O que se viu, contudo, foi o nascimento de cidades-satélites antes mesmo de concluída a nova Capital. Não se tratou de nenhum erro de planejamento do plano piloto. Foi a realidade de miséria do interior do País, despertada pela propaganda da existência de oportunidade de emprego, de ensino e de assistência médica em Brasília, que forçou o extraordinário processo de migração da indigência para o Distrito Federal. As camadas mais pobres, pela valorização dos terrenos do plano piloto, foram expulsas para as cidades-satélites, criando-se uma relação cruel do tipo casa grande e senzalas. E contra essa relação cruel que o atual governo se lança, não apenas multiplicando as obras de infra-estrutura urbana nas cidades-satélites, como solicitando a Lúcio Costa um plano de construção de residências populares ao longo das estradas que ligam o plano piloto aos núcleos urbanos que o circundam.

P - Qual é o destino de Brasília? Ela será a cidade centro, com povo nas ruas, ou ficará simples palco da burocracia em trânsito?

R - O projeto do plano piloto contemplava a plataforma e os dois grandes conjuntos de lazer e compras (SDS e Conjunto Nacional) como uma mistura, em termos de Picadilly Circus e Champs Elysées. Ao visitar Brasília, em 1984, e proceder a um check-up urbanístico da cidade, Lúcio Costa se deu conta de que aquele espaço tinha sido tomado pela população das cidades-satélites que transita pela rodoviária. Ficou feliz, achando que aquele espaço não tinha sido feito para eles, mas ficava melhor com eles. De fato, a população de baixa renda abriu caminhos de terra batida no meio do imenso gramado para chegar até a feira da torre de televisão. Foi pensando nessa realidade que projetamos para esse espaço o Gran Circo-Lar, dotado de todas as condições técnicas para a oferta de espetáculos bem montados para o povo de Brasília e das cidades-satélites. É o mesmo propósito de eliminar diferenças urbanísticas cruéis que nos leva a estudar a implantação, nas cidades-satélites, de clubes de vizinhança dotados de piscinas, quadras de esportes polivalentes e locais para reunião das populações dessas cidades. É o mesmo impulso que nos leva a construir superescolas como a da Ceilândia, para atendimento integral de suas crianças.

Brasília é uma cidade-símbolo, um centro de irradiação do verdadeiro sentimento nacional. O extraordinário processo de travessia de um regime autoritário, militar, para a reconstrução democrática e o poder civil — um instante dramático na vida desta Nação — vai ficar eternizado num momento que indica às gerações futuras a carga de responsabilidade assumida pela geração presente. Esta é a idéia do Panteão da Liberdade e da Democracia, em homenagem a Tancredo Neves, onde se cultivará a energia nacional liderada, neste momento de nossa História, pelo presidente Sarney.

Na comemoração dos 26 anos de criação de Brasília, ontem, o governador José Aparecido assinou seis decretos e encaminhou ao presidente Sarney projeto de lei que estabelece o plano de ocupação e uso do solo do Distrito Federal. O objetivo dessa lei, segundo o governador, "é combater as ocupações irregulares de terras na Capital".

A ordem de José Aparecido foi para o povo ir às ruas, "recuperar o tempo perdido em que a capital da República comemorava seus aniversários timidamente". Dentro deste espírito, na cidade-satélite de Taguatinga aconteceu um forró, com Gonzaga, Osvaldinho e Dominguinhos. Em Ceilândia foram organizadas exposições de poesias e desenhos. No Teatro Nacional apresentaram-se grupos de rock, de balé e a Orquestra Sinfônica. Cantores da música popular como Paulinho da Viola, Carlos Lyra, Tito Madi e Leny de Andrade mostraram um grande show em frente ao Congresso Nacional. Ao todo, foram 127 programas que custaram ao governo Cz\$ 3,7 milhões.

Um dos maiores problemas enfrentados por José Aparecido é o loteamento irregular que envolve nomes de destaque político nacional. Numa das áreas consideradas irregulares está localizado um lote reclamado pelo general Danilo Venturini, ex-secretário-geral do Conselho de Segurança Nacional. Dois procuradores, Magali dos Santos e Clóvis Ferreira, são apontados como suspeitos na venda de lotes irregulares e só não foram demitidos ainda porque o procurador-geral do governo, Humberto Gomes de Barros, afastou-se do cargo na última sexta-feira, após recusar-se a demitirlos.

Os decretos assinados pelo governador durante a solenidade de comemoração do aniversário de Brasília têm conotação social. Um deles cria a assessoria de apoio às miniprefeituras. Outro, cria grupo executivo que coordenará uma experiência piloto na área da saúde. Foi instituída a Secretaria Extraordinária de Habitação e delimitadas como áreas de proteção ambiental as bacias do Gama e Cabeça de Veados. José Aparecido aprovou também um programa especial de prevenção, controle e combate à erosão.

### Desemprego, pobreza e violência

A cidade foi concebida como modelo. Mas, na prática, a teoria não deu certo. Brasília tem hoje 1,6 milhão de habitantes, que convivem com o desemprego, falta de moradia, violência urbana e problemas de saneamento. Um quarto da população, a faixa privilegiada, responde por mais de 80% da renda per capita — considerada a mais alta do País — e a grande maioria vive nas cidades-satélites, que não têm vida própria, onde a renda mensal fica em torno de dois salários mínimos e o preço dos transportes coletivos é maior que a média nacional.

Neste cenário surge o novo comportamento do brasiliense, que até há bem pouco tempo era considerado cidadão frio e silencioso, mas que no episódio das diretas já demonstrou sua represália às pesadas medidas do general Newton Cruz, batendo panelas. Com este vigor, a população vigia o governador — muito criticado por ter gasto Cz\$ 3,7 milhões no aniversário de Brasília — e os primeiros candidatos que disputarão os 700 mil votos do DF.